Do funeral da rainha para a tribuna da ONU

Bolsonaro desembarca em Nova York para abrir, hoje, a Assembleia Geral das Nações Unidas, depois de ser acusado de fazer campanha eleitoral em Londres

» INGRID SOARES

O presidente Jair Bolsonaro (PL) desembarcou, ontem à noite, em Nova York, onde abre, na manhã de hoje, a 77ª Assembleia Geral das Nações Unidas. A 13 dias do primeiro turno das eleições, ele vai dispor de 10 a 15 minutos para um pronunciamento. Mas, apesar de tratar-se de uma tribuna voltada para questões internacionais, espera-se que Bolsonaro faça um resumo do seu governo e, como em Londres — onde estava, horas antes, para a cerimônia fúnebre da rainha Elizabeth II —, acene à base eleitoral interna. Entre os temas, a melhora da economia brasileira, as pautas de costume, o ataque ao "comunismo" e ao PT e ênfase à afirmação de que não há corrupção no governo.

Temas como as consequências da pandemia, a guerra na Ucrânia, mudanças climáticas, energias renováveis, meio ambiente e segurança alimentar também foram sugeridos pelo Itamaraty para que o presidente inclua no pronunciamento. Esta é a quarta vez que Bolsonaro abre a Assembleia Geral.

A previsão é que, antes do pronunciamento, ele esteja com o secretário-geral das Nações Unidas e, depois de discursar, com o líder polonês Andrzej Duda. Bolsonaro também deverá ter reuniões com os presidentes Guillermo Lasso (Equador), Alejandro Giammattei (Guatemala) e Aleksandar Vui (Sérvia).

Em paralelo, o chanceler Carlos França participará de eventos com os embaixadores de Japão, Rússia, Bielorrússia, El Salvador, Suriname, Emirados Árabes, Irã, Bahrein, Guiana, Camboja, Indonésia, Senegal e Turquia — além de encontro com o secretário-geral da Liga Árabe e de uma reunião do grupo formado por Japão, Alemanha, Brasil e Índia, que discute a reforma e ampliação do Conselho de Segurança da ONU.

Irritação

Ainda em Londres, Bolsonaro negou que tivesse feito uso eleitoral da viagem para o funeral de Elizabeth II. E irritou-se quando foi indagado sobre isso. "Acha que vim aqui fazer política? Pelo amor de Deus! Não vou te responder, não. Se eu não viesse, estaria sendo criticado do mesmo jeito. Acabou a conversa", reagiu, interrompendo a conversa com os jornalistas.

Mas, antes de pôr um ponto final na entrevista, Bolsonaro aproveitou para atacar o presidenciável Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que lidera as pesquisas de intenção de votos. "Por quê a insistência em querer botar um ladrão na Presidência? Alguém acha que é uma maravilha ser presidente? Botar um ladrão, com aquela quadrilha toda na Presidência", criticou.

Segundo ele, a manifestação de apoio que recebeu em Londres "representa o que realmente acontece no Brasil". "Sabemos quem é o outro lado e o que eles querem implantar em nosso Brasil. A nossa bandeira sempre será dessas cores que temos aqui: verde e amarelo", observou.

Mesmo negando ter feito uso eleitoral do funeral, a imprensa inglesa acusou o presidente de desrespeitar a liturgia do momento e manter a campanha à reeleição. O *The Guardian* destacou que "Jair Bolsonaro usa visita em Londres para funeral da rainha como palanque" e que "voou para Londres para discursar aos seus apoiadores sobre os perigos dos esquerdistas, do aborto e da 'ideologia de gênero'".

O *Daily Mail* reforçou a crítica: "Enquanto líderes globais chegam ao Reino Unido para manifestar seu respeito pela rainha, o líder da direita radical populista Jair Bolsonaro fez um comício em tom agressivo da janela da embaixada de seu país incitando uma multidão com bandeiras".

Já o *The Independent* foi na mesma direção. "O polêmico Bolsonaro aproveitou a viagem a Londres para tentar convencer os eleitores indecisos de sua importância internacional, levando sua campanha política para a viagem", criticou.

Ao mesmo tempo, o *The Times* acusou Bolsonaro de aproveitar "a ida ao funeral da rainha para mostrar ao seu país como o combustível é caro em Londres".

Toque no rei e sorriso no luto

Redes sociais

O presidente Jair Bolsonaro (PL) protagonizou uma gafe ao quebrar o protocolo do cerimonial de Estado diante de reis e rainhas. Na recepção aos chefes das nações que estiveram presentes ao funeral de Elizabeth II, segurou o braço de Charles III e sorriu durante o cumprimento em um momento solene. Pela etiqueta, não se deve tocar no monarca, a menos que ele estenda a mão — por ser chefe de Estado, Bolsonaro não é obrigado a fazer reverência ao rei, que não é considerado um político e sim um representante da coroa britânica. O presidente praticou a mesma indelicadeza que, em 2009, a ex-primeira-dama Michelle Obama cometeu ao tocar em Elizabeth II quando ela e o então presidente dos Estados Unidos Barack Obama estiveram no Palácio de Buckingham. **(IS)**

Britânico cobra respeito de apoiadores

Ao presenciar uma discussão de apoiadores com um opositor do presidente Jair Bolsonaro (PL), em frente à embaixada brasileira, em Londres, Chris Harvey, um britânico aposentado de 61 anos, foi hostilizado ao pedir que os bolsonaristas mostrassem "respeito" no dia do sepultamento da rainha Elizabeth II.

"Vocês estão na Inglaterra, demonstrem algum respeito, é o dia do funeral da rainha", irritou-se o britânico, depois que simpatizantes do presidente disseram que ele deveria sair dali e "calar a boca".

Conforme informações da BBC News Brasil, a confusão que deu origem à indignação de Harvey começou quando um crítico do presidente questionou o motivo de aquelas pessoas que estavam em frente à representação diplomática brasileira não se preocuparem com as queimadas na Amazônia, ou com quem mandou assassinar a vereadora Marielle Franco, ou ainda com a "origem do dinheiro usado para a família Bolsonaro comprar imóveis".

Redes sociais

Esse é o funeral da rainha. Mostrem mais respeito! Isso está muito errado, é desrespeitoso com a rainha"

Chris Harvey (de óculos) *para os bolsonaristas, em frente à embaixada brasileira em Londres*

Segundo a BBC, os apoiadores do presidente cercaram o homem chamando-o de "petista" e hostilizando-o. Foi nesse momento que Harvey interveio: "Este homem tem o direito de protestar. Essa é a Inglaterra", reagiu.

Os apoiadores de Bolsonaro, então, se voltaram contra o britânico gritando "Bolsonaro 2022, Bolsonaro presidente". Harvey não escutou calado.

"Vocês estão desrespeitando o Brasil. Esse é o funeral da rainha. Mostrem mais respeito! Isso está muito errado, é desrespeitoso com a rainha. O seu presidente não deve estar feliz com o comportamento (de vocês)", reagiu Harvey.

Depois que os bolsonaristas se afastaram, a BBC indagou ao homem sobre a reação que teve. "Acabei de assistir à rainha passar dentro de um caixão a caminho do Palácio de Windsor, há uma hora atrás, e esse tipo de confronto não é bom. Esse é um dia, o único dia, em que realmente deveríamos demonstrar respeito com a rainha. Acho que transformar (a ocasião) em um ato político não é respeitoso", criticou. **(IS)**

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

luizazedo.df@dabr.com.br

O custo-benefício do funeral de Elizabeth II para Bolsonaro

As pesquisas irão dizer se valeu à pena a participação do presidente Jair Bolsonaro (PL) e da primeira-dama Michele no funeral da rainha Elizabeth II, que ganhou conotação de ação eleitoral oportunista. A rigor, seria um gesto de grande cortesia, ainda mais porque é um rito de passagem no qual o rei Charles III, simultaneamente, foi consagrado como seu sucessor.

Mas haveria a desculpa da campanha eleitoral para não ir, que seria perfeitamente aceitável. O brasileiro não é uma estrela ascendente da política internacional, principalmente no Ocidente, nem foi um convidado de honra da família.

A morte de Elizabeth II era uma notícia previsível, mas foi inesperada. Ela parecia eterna, principalmente depois de milhares de memes nas redes sociais exaltando sua longevidade. Entretanto, a morte sempre é um fato com grande poder de irradiação e repercussão, apesar da sua previsibilidade, porque só se morre uma vez.

O falecimento concentra e realça todos os acontecimentos de uma vida, emoldurado ainda mais pela longa duração dos funerais, acompanhado em tempo real pela mídia internacional durante 10 dias. Elizabeth II reinou por 70 anos, encabeçando uma monarquia que soube administrar a decadência do Império Britânico e, aliada aos Estados Unidos, manteve sua influência internacional após a descolonização.

A vida de Elizabeth II serve de paradigma para as cortes europeias, com as quais mantinha fortes laços familiares, e atravessou todas as crises internacionais do pós-II Guerra Mundial. Não havia a menor dúvida de que seu funeral seria um grande evento midiático, quando nada porque resgatou um ritual fúnebre sofisticado, que não se via desde a morte de seu pai, o rei George VI, em 1952, reiterando o fascínio exercido pela aristocracia junto ao povo britânico.

Entretanto, Bolsonaro pisou na bola ao se manifestar a apoiadores da sacada da embaixada do Brasil em Londres. Seria apenas mais um chefe de Estado a prestigiar o funeral, cujo cerimonial deu muito mais importância à família real britânica e à realeza europeia do que aos políticos representantes dos regimes republicanos, fantasmas que rondam o rei Charles III e seus descendentes.

A repercussão negativa do encontro de Bolsonaro com seus apoiadores junto à mídia internacional reverberou no Brasil. O efeito é exatamente o contrário do que o presidente esperava ao viajar para o Reino Unido.

> QUESTIONADO, O PRESIDENTE REAGIU IRRITADO: "VOCÊ ACHA QUE EU VIM AQUI FAZER POLÍTICA?"

Questionado pela imprensa, como de hábito Bolsonaro reagiu irritado: "Você acha que eu vim aqui fazer política? Pelo amor de Deus, não vou te responder. Não tem uma pergunta decente? Compara o Brasil com o resto do mundo", disse.

Mas misturou a morte de Elizabeth II com a política e as eleições no Brasil: "Todo mundo vai ter um julgamento final. O julgamento vai ser pelas suas ações e omissões. Todo aquele que trabalhou contra o próximo ou que se omitiu, na hora em que poderia ajudar, segundo as escrituras, para quem acredita, vai ter o seu veredito. E lá não tem gente — como alguns do Supremo, já vão falar que eu estou criticando o Supremo — para 'descondenar' uma pessoa e torná-la elegível", acrescentou.

Espírito da coisa

Antes, ao conversar com apoiadores, Bolsonaro também havia atacado o petista Luiz Inácio Lula da Silva, seu principal adversário, que lidera as pesquisas de intenções de voto: "Como está a Europa perto do Brasil? Existe ameaça de fome aqui? Prateleira vazia, aumento de preço... Por que a insistência em querer botar um ladrão de volta na Presidência? Alguém acha que é uma maravilha ser presidente? Botar um ladrão, com aquela quadrilha toda, na Presidência".

Numa crônica intitulada *Semiótica dos Ritos Fúnebres*, publicada no livro *Banalogias* (Objetiva), o filósofo carioca Francisco Bosco tece considerações muito interessantes sobre a morte e os velórios. Segundo ele, qualquer cadáver encerra em si toda a dinâmica do sublime: não é "ser" nem "ente", nem "sujeito" nem "objeto". Bosco explica: "O cadáver já não é vida, mas tampouco é a morte em sua condição de certeza encoberta ou fatalidade abstrata. O cadáver é a morte viva. Ora, a morte viva, diante de nós vivos, é precisamente a experiência do sublime".

O velório seria uma experiência do sublime. A fila dos pêsames, uma espécie de rito de compensação coletiva pela perda. "Oferece-se, em primeiro lugar, a própria dor, como para fazer surgir uma fraternidade, a comunidade dos irmanados pela perda. Chorar a perda do morto é também homenageá-lo: elogio que se dirige aos imediatamente próximos do morto como uma compensação", explica Bosco. Parece que Bolsonaro não entendeu o espírito da coisa no funeral de Elizabeth II.

Politicamente, o pior não é isso. Bolsonaro tem uma relação esquisita com a morte. Já deu inúmeras provas disso. Durante a pandemia de covid-19, que ontem registrou 685 mil mortos, não demonstrou a menor empatia com os familiares das vítimas, nem mesmo durante a crise nos hospitais de Manaus, quando dezenas de pessoas morreram por falta de oxigênio e foram enterradas em cova rasa. Daí a dúvida sobre o custo-benefício eleitoral de sua ida aos funerais de Elizabeth II.